

PERFIL: Marcelo Neri, o especialista que decifra números e estatísticas na FGV

TRANSPORTE: com jeito de atração da Disney, teleférico começa a funcionar no Morro do Alemão



PERFIL: INTERVISTA DE 15 PÁGINAS NO ANO 11. NÃO PODE SER ATUALIZADO AUTOMATICAMENTE

www.vejario.com.br
wap.vejario.com.br
13 de julho de 2011

veja Rio



Câmara de testes no Instituto de Pesquisas da Marinha: similar às instalações da Apple nos Estados Unidos

ORGULHOS DA CASERNA

Os centros de excelência das Forças Armadas no Rio, cidade que concentra o maior contingente de militares no país

Índice
Ano 20 - Nº 28

28

Perfil

Com base em dados estatísticos, o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, mostra as transformações sociais do país

PERFIL

Doutor Demografia

Ao revelar tendências de comportamento e transformações sociais, o economista Marcelo Neri baliza a atuação de governos e empresas

Ele já se habituou a ser chamado de "embaixador da classe C". O rótulo traz em si uma injustiça e uma evidência. Ele é impreciso por restringir a área de atuação de um profissional com um amplo arco de interesses. Porém, não há como dissociar o economista carioca Marcelo Neri dessa camada da população. Especializado em demografia, ele foi o primeiro pesquisador a mostrar que esse estrato se tornou predominante na sociedade brasileira. À medida que a classe C ganha corpo, cresce na mesma proporção o prestígio — e consequentemente o assédio — de seu "descobridor". Recentemente, ele deu entrevistas à revista *The Economist* e ao jornal *The New York Times* sobre a mobilidade social no país. Como economista-chefe do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Neri analisa e cruza uma série de dados estatísticos para chegar a conclusões muitas vezes surpreendentes (veja o quadro). Dessa maneira, constatou a entrada de 50 milhões de brasileiros no mercado consumidor nos últimos oito

anos e a disparada da renda na Região Nordeste de 2001 para cá. A torrente de números levantados pelo Censo 2010 forma um manancial caudaloso para ele se divertir. E tirar conclusões. "Tenho formação de macroeconomista, mas o que eu teria de novo para falar sobre taxa de juros ou câmbio flutuante?", questiona. "Quero ver a economia viva, enxergar a sociedade se transformando antes de todo mundo."

Com tal perfil, Marcelo Neri, 48 anos, é fundamentalmente um pesquisador de tendências, um tipo de especialista valioso na atualidade. Seus diagnósticos servem para balizar tanto políticas governamentais como estratégias de ação de grandes empresas. Só neste ano, além de ter dado palestras a autoridades da China e da África do Sul, fez conferências nas universidades americanas Harvard e MIT, e no Council of Foreign Relations, instituto de política internacional sediado em Nova York. Nos encontros, evita quanto pode ser monotônico. A precaução decorre de uma história curiosa. Vem desde que ele foi chamado pelo então presidente Fernando Henrique



TOMÁS RABUILL

AS DESCOBERTAS DO PROFESSOR

Quatro constatações do economista Marcelo Neri, feitas a partir da análise de estatísticas

**1996**

Dois anos depois de implantado o Plano Real, o pesquisador foi o primeiro a comprovar o impacto da estabilidade na redução da pobreza no Brasil

**2000**

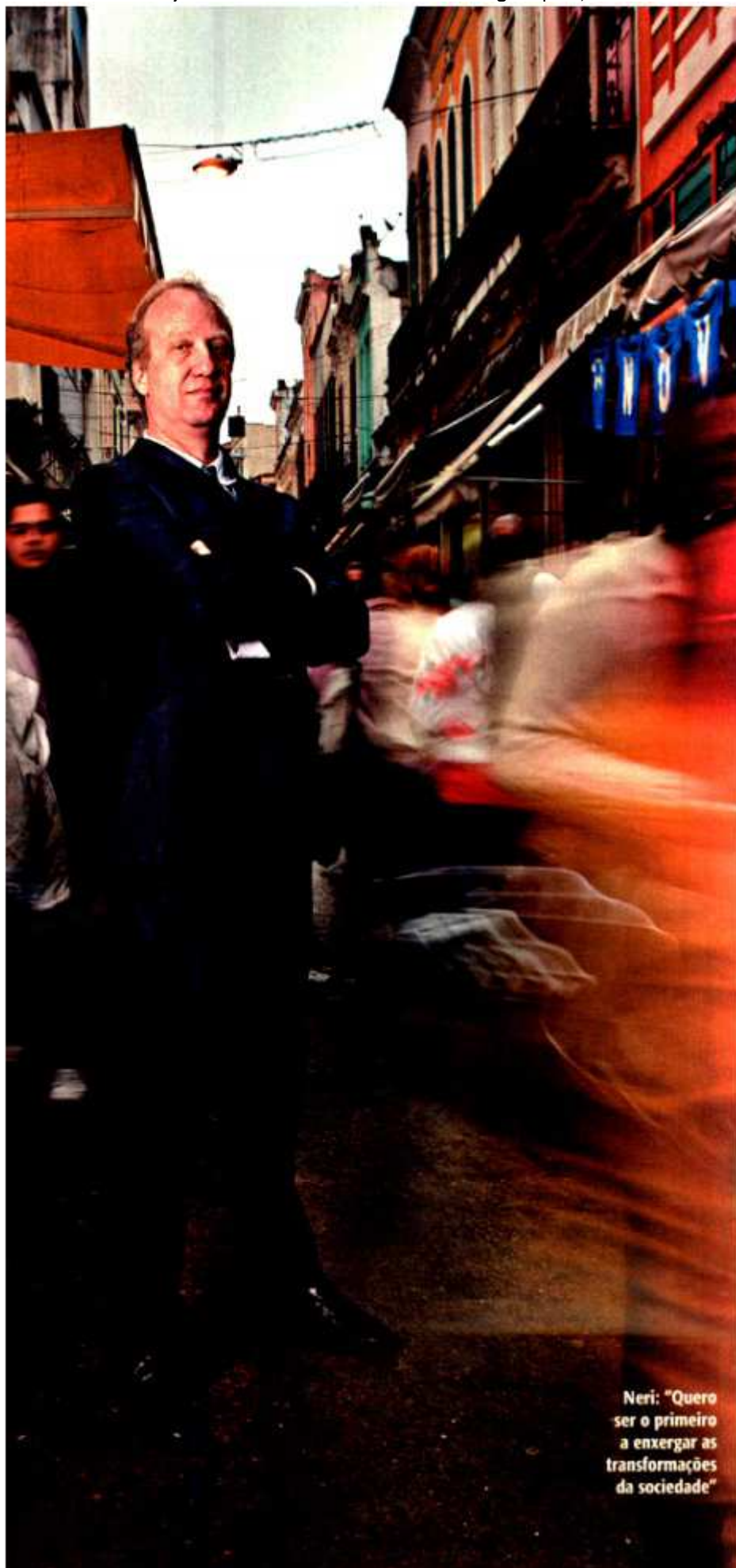
Com base na FGV e no Censo, demonstrou que a universalização da educação foi mais importante que o aumento do salário mínimo para o crescimento da renda dos brasileiros

**2002**

Comprovou que a desigualdade social diminuiu no Brasil, movimento contrário ao dos demais países do Bric (Rússia, Índia, China e África do Sul)

**2007**

Constatou que a classe C passou a representar mais da metade de toda a população brasileira



Neri: "Quero ser o primeiro a enxergar as transformações da sociedade"

Cardoso de "o rapaz do salário mínimo", devido a suas pesquisas sobre o pequeno impacto do aumento do piso salarial sobre a renda do brasileiro. Decidiu, então, tornar-se um generalista para não ficar estigmatizado. "Não fico concentrado em um assunto, mas, sim, em uma metodologia que domino e que me permite fazer alguns trabalhos em quinze minutos", diz. "Não tenho paciência. Gosto das pesquisas mais cruas e em seguida já parto para outra."

A familiaridade de Marcelo Neri com sociedades desiguais não se restringe a seu conhecimento da realidade brasileira. Ainda adolescente, nos anos 70, mudou-se com o pai, funcionário de uma petrolífera, para a África do Sul, em pleno regime do apartheid. Viveu por lá durante dois anos e trouxe lições que valem até hoje. "Foi interessante comparar o que vi na África com o que há no Brasil, onde reina o mito da democracia racial", lembra. "Na verdade, tanto cá como lá, os negros são mais pobres, têm menos educação e são maioria nos presídios." Na universidade, Marcelo foi aluno destacado nos cursos de administração e economia da PUC-Rio, onde fez mestrado sob a orientação do ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco. No doutorado, na Universidade Princeton, teve como preceptor Ben Bernanke, atual presidente do Federal Reserve, o banco central americano. "Neri é brilhante", sintetiza Franco. "Ele poderia estar rico atuando no mercado financeiro, mas seu temperamento o levou à pesquisa e à elaboração de políticas públicas."

Tido pelos mais próximos como um "workaholic sem salvação", o demógrafo não descansa nem quando viaja à casa que possui em Búzios. "Nem lá ele desgruda do trabalho", reclama sua mulher, a arquiteta Fernanda Neri. Quando não está afogado em números, ele acompanha de perto os jogos do Fluminense. Raramente deixa de ir às partidas realizadas no Rio, sempre acompanhado do filho Guilherme, de 14 anos. Seu enteado, o botafoguense Bruno, filho do casamento anterior de Fernanda, fica fora do programa. Outra diversão que o ajuda a desanuviar a cabeça de tantas fórmulas e tabulações é encarar trilhas litorâneas com sua moto de 250 cilindradas para ir pescar. Nessas ocasiões, a noite invariavelmente termina com um banquete de comida japonesa preparada pelo próprio economista, que num raro arroubo de imodéstia se declara um exímio sushiman. "Na cozinha, sou exatamente como no trabalho. Gosto de tudo bem rápido."

FELIPE CARNEIRO